

Anna Caram assume liderança no Japão



A cantora Anna Caram, artista brasileira que mais vende MPB no Japão

CARLOS BOZZO JR.
especial para a Folha

Anna Caram é cantora, arranjadora, flautista, guitarrista e a artista de música popular brasileira que mais vende no Japão. Um LP e seis CDs são o resultado do trabalho que Anna vem desenvolvendo no exterior, sem nenhuma divulgação no Brasil.

Ela assumiu recentemente a liderança na venda de discos de MPB.

Recém-chegada de uma turnê pelo Japão, onde seus shows têm sempre a garantia de casa cheia, Anna concedeu à Folha uma entrevista em que relata a razão de seu sucesso no exterior. Leia trechos a seguir.

★

Folha - Quem é Anna Caram?

Anna Caram - Uma pessoa que nasceu em Presidente Prudente, São Paulo, em uma família de músicos. Meu pai toca violão, cavaquinho e bandolim. Meu avô tocava, e todos os meus irmãos também. Por isso, acho que música é uma coisa genética.

Aos 13 anos comecei a gravar jingles e participar de festivais. Sempre ganhava os primeiros prêmios. Em 77, vim para São Paulo e estudei flauta com o João Dias Carrasqueira. Foi quando me interessei mais por estudar música.

Depois, voltei para São Paulo, onde cantei com Eduardo Gudin, Elton Medeiros e o grupo Taracón. Em 88, fui convidada pelo saxofonista Paquito d'Rivera, que já me conhecia de Nova York, para cantar no festival da Finlândia (Sea Jazz Festival).

De lá, fomos a Nova York fazer o

JVC Jazz Festival. Essa foi a grande oportunidade de minha vida, além de ter sido uma grande emoção, por ter pisado no palco do Carnegie Hall.

Na platéia estava o Bob Katz, da Chesky Records —gravadora especializada em discos acústicos—, que ouviu o show e me convidou a fazer um contrato que rendeu cinco discos pelo selo.

Folha - Por que você é reconhecida no exterior e não no Brasil?

Caram - Essa é uma pergunta que eu me faço muito. Mas acho que meu trabalho é muito fiel à música brasileira, mais à bossa nova especificamente. Lá fora, as pessoas gostam da bossa nova porque ela sai um pouco da música americana, do rock e do pop, que são massificados no mundo inteiro.

Folha - Por que você é a artista brasileira que mais vende discos no Japão?

Caram - Todo mundo costuma dizer que o povo japonês é muito frio. Eu não acho isso. O japonês é superemotivo, mas tem a emoção reprimida. Ele não consegue colocar, expor... Não pode expor a emoção. O tipo de música que faço e a forma com que canto acho que tiram do japonês aquela emoção que está contida.

Eles viajam quando eu canto. Fecham os olhos e balançam a cabeça como se estivessem entendendo o que estou falando na letra. Eu dou o prazer, a emoção, eles relaxam.

Folha - Você teve oportunidade de trabalhar com músicos brasileiros e estrangeiros. No que eles diferem?

Caram - Musicalmente não há muita diferença. A diferença está

em como tratar a música. O Brasil tem essa coisa gostosa de que tudo é uma festa. E isso gera uma certa espontaneidade que se traduz em música. Já os ingleses, por exemplo, têm uma rigidez maior com horário e ensaios. Eu trabalhei com eles e nunca houve discussões. O que estava na partitura era tocado.

Eu tinha duas semanas para gravar o disco em Londres e acabei em 12 dias, ou seja, antes do prazo. Isso se explica porque tudo funciona dessa forma rígida, profissional. Eu gosto dos dois lados: sou brasileira, mas gosto desse lado profissional da coisa.

Folha - Como você forma a banda que trabalha com você?

Caram - Sou eu quem escolhe as pessoas e uso como critério a afinidade musical antes de tudo. Atualmente, estou trabalhando com um supermúsico que respeito demais, que é o Natan Marques (maestro, guitarrista e compositor).

Nós acabamos de chegar do Japão e fomos muito bem recebidos pelo público e pela crítica. Foi muito legal o trabalho que fiz com ele. Estamos desenvolvendo a partir disso um trabalho para meu próximo disco.

Isso só pintou porque rola uma afinidade musical entre nós. Não basta ser apenas um grande músico, tem que rolar afinidade musical, isso é primordial.

Folha - Qual a diferença entre gravar pela Chesky Records e pela PolyGram japonesa?

Caram - Eu apresentei, na Chesky Records, o trabalho de muita gente boa do Brasil, que gravou e ainda grava por lá. O Luiz

Bonfá, o Rafael Rabello, a Badi Assad... Foi uma porta muito legal nos Estados Unidos para a música brasileira. É muito diferente uma gravadora da outra.

A Chesky grava basicamente acústico e de uma forma antiga. Grava-se com um microfone só e todos os músicos juntos num "superestúdio" em Nova York. Você aperta um botão, e a parede desce, a parede afasta... Quer dizer, toda gravação é estudada pelo ambiente físico.

Não se usam artifícios como eco, colocar mais grave ou mais agudo; tudo é muito puro. Durante seis anos, eu fiz cinco discos com eles dessa forma. O que foi uma escola, porque você tem que cantar direto. A qualidade de som é impecável.

Com a PolyGram é diferente, eu posso colocar e tirar o que eu quiser, na hora em que eu quiser. É o que preciso neste momento.

Hoje meu trabalho é bastante diferenciado do que eu fazia há dois anos. "Sunflower Time" é um disco moderno, dançável.

Eu continuo cantando bossa nova, mas de uma forma nova, pois eu quero que um menino de 15 anos ouça Tom Jobim com uma linguagem que ele entenda.

Folha - O que faz um tema de bossa nova soar como novo?

Caram - O arranjo.

Folha - Qual é sua maior alegria? Caram - É cantar e ser reconhecida.

Folha - Quando os brasileiros ouvirão o que os japoneses ouviram?

Caram - Por mim, já. Estou para fechar um show em São Paulo, mas ainda não posso divulgá-lo, porque não há nada confirmado.